

FILOSOFIA

CAPELLE-DUMONT, Philippe (éd.), **Dieu en tant que Dieu. La question philosophique**, coll. « Philosophie & Théologie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 290 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09797-0.

O editor desta coletânea de textos, o conhecido filósofo jesuíta Philippe Capelle-Dumont, observa com pertinência, na sua Introdução, que a questão de Deus, não obstante a sua proclamada «morte», está longe do abandono pelo pensamento filosófico contemporâneo. Sem dúvida, os pensadores dos últimos séculos, e sobretudo do século XX, foram obrigados a pensar Deus em termos renovados, tendo em conta particularmente quer a crítica heideggeriana de um deus nos limites da ontoteologia quer outras ideias de Deus mais propriamente aplicáveis a um deus-ídolo que ao verdadeiro Deus, ideias muito bem recalçadas na tendência para pensar e falar de Deus em termos de «pensar Deus fora do ser» (E. Levinas) ou de pensar «Deus sem o ser» (Jean-Luc Marion).

O título da coletânea denuncia essa preocupação nos próprios textos que a integram. Como o mesmo editor se explica e nos explica, ele tem por detrás de si toda uma história de um «enquanto» reduplicativo («en tant que»). Se p. ex. Feuerbach repete sem cessar, em *Das Wesen des Christentums*, a expressão *Gott als Gott*, semelhante reduplicação aparece já em Aristóteles para falar do ser («ser enquanto ser»). E tem presença intencional em grandes pensadores recentes, como Paul Ricoeur, Xavier Tillet, Jacques Derrida, Michel Henry e Stanilas Breton.

O caso é que, como considera Philippe Capelle-Dumont, esta reduplicação assume, no caso de Deus, a categoria de questão filosófica primeira, anterior, como tal, a outras questões que se coloquem sobre o mesmo Deus. Heidegger tinha as suas razões quando sistematicamente se recusava a falar simplesmente de Deus e preferia exprimir-se em termos de «o que queremos dizer quando dizemos Deus». Foi esta perspetiva de uma questão filosófica primeira que esteve presente no trabalho de laboratório trienal «Filosofia de religião e metafísica» dirigido por aquele jesuíta do Institut catholique de Paris, no seguimento de outros programas já desenvolvidos e também publicados em torno da problemática de Deus, desde 1996. Este livro dá-nos conta do resultado da investigação produzida, acrescida de dois trabalhos de Jean-Luc Marion e Jean-Luc Nancy.

O livro colige dois conjuntos de estudos que o estruturam em duas partes. A primeira parte – «Releituras históricas» – reúne diversas revisitações de autores e momentos emblemáticos da questão de «Deus enquanto Deus»: entre os gregos (Platão, Aristóteles, Plotino); os medievais (Tomás de Aquino, Duns Escoto, Guilherme de Ockham); os modernos (Descartes, Kant, Hegel); e os contemporâneos (Husserl, Barth e Heidegger). A segunda parte – «Aproximações sistemáticas» – reúne estudos de vários autores sobre a mesma questão fora da perspetiva histórica. A primeira parte conta com os nomes de Jérôme de Gramont, Jean-Marc Narbonne, Paul Gilbert, Laurence Devillaires, Jean-Louis Vieillard-Baron, Emmanuel Housset, Anthony Feneuil e Philippe Capelle-Dumont. A segunda tem as assinaturas de Roger Pouivet, Jacques Courcier, Bernard Mabile, Yannick Courtel, Emmanuel Tourpe, Bernard Bourdin, Ghislain Waterlot e Jean-Yves Lacoste. Jean-Luc Marion assina o

estudo «La question de l'Inconditionné» e a resposta por Jean-Luc Nancy; por seu lado, este pensador assina o texto «Mon Dieu!», a que se segue a resposta de Jean-Luc Marion.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

HOLZER, Vincent, **Hans Urs von Balthasar (1905-1988)**, coll. «Initiations aux théologiens », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 318 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09620-1.

Não se trata de uma biografia do homem Hans Urs von Balthasar, mas sim do teólogo que ele foi, ou, se preferirmos, de uma biografia da obra teológica balthasariana. Escrito por dos estudiosos do seu pensamento, atualmente professor no Instituto Católico de Paris, este livro oferece ao leitor uma visão ampla e profunda do pensamento, amplo e denso, do teólogo de Lucerna, da sua gênese e do seu impacto. Definida como essencialmente teologia da salvação, em jeito de uma «dramática salvífica» centrada no drama da redenção e da escatologia, Vincent Holzer considera que ela é, ao mesmo tempo, uma «"teológica"» cujas pretensões filosóficas rivalizam com as grandes obras do pensamento alemão moderno» (p. 13). Em consequência, deplora que boa parte dos seus comentadores não tenha tido em conta que von Balthasar se inscreve como um dos grandes na área da teologia fundamental.

A obra de Holzer está estruturada em três partes, precedidas por uma Introdução geral. Nesta secção introdutória começa por convidar o leitor a entrar no «ritmo» e

na «forma» da obra em análise, um ritmo que é o mesmo da «economia» divina e se casa na mesma obra em modo de uma Estética como doutrina da percepção. Realça, em von Balthasar, o seu carácter de espírito universal e de pensador exigente da singularidade cristã, e bem assim o carácter prolixo da sua obra e a singularidade da «língua» nela utilizada. Sublinha a sua articulação modelar entre teologia fundamental e teologia dogmática. Explica a estrutura da mesma obra.

A primeira parte leva por título «A formação (*Ausbildung*) de uma obra». É um longo estudo sobre a gênese desta. Num primeiro capítulo expõe sobre o «discernimento cristão», o método teológico e a cristologia do Único sob o signo da «Glória»; sobre a evolução e maturação do pensamento do Universal-concreto: Cristo, medida e forma. Leva o leitor a acompanhar as vicissitudes e os períodos da formação deste pensamento. Analisa em particular o Tríplice: *Estética* (1961), *Dramática* (1973) e *Lógica* (1985). Um segundo capítulo examina o contributo de von Balthasar para a teologia fundamental e o seu modelo de articulação entre filosofia e teologia. Um apartado é dedicado aos seus conceitos de «verdade do mundo» e «verdade de Deus». Um outro dá-nos conta da sua filosofia do ser e dos transcendentais sob o signo da beleza. Sucedem-se as ideias balthasarianas da verdade como não-velamento (*Unverborgenheit*) do ser, sobre a distinção real entre ser e essência e sua relação com a *analogia entis* concreta, da filosofia do conhecimento ao serviço da Revelação, etc.

A segunda parte intitula-a Holzer «Theatrum Dei» e integra também dois capítulos: um dedicado à teologia trinitária, outro à cristologia. No primeiro, aborda, antes de mais, a perspectiva de